



# O

# MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VI

Florianópolis, Outubro de 1948

N. 8

## O Construtor

**Virtude:** Prudência, discrição, previdência, sabedoria.

**Defeito oposto:** Imprudência — uma conduta precipitada, impulsiva, impetuosa, indiscreta, considerada e estúpida.

**O Construtor:** "Ó Sagrado Coração de Jesus, por Maria, entrego-me a vós". (300 dias de indulgência).

**O Ajudante:** "Maria Santíssima, livrai-me das penas do inferno". (300 dias).

**Método:** Começa o dia, dizendo as aspirações acima. Dize estas aspirações frequentemente durante o dia. De noite, pergunta-te, quantas vezes as repetiste e marca o número num caderninho, comparando-o com o do dia anterior.

**A Prudência:** "Sede prudentes como as serpentes e simples como as pombas". é o aviso que o Salvador dá aos que o seguem. Ele manda-nos sermos discretos em nossa palavra, cautos em nossos planos e sábios em nossas ações, pois o homem prudente escolhe os melhores meios para alcançar seus fins. Prudência é a capacidade de regular e controlar-se a si mesmo pelo exercício da razão guiada pela fé. — Exige uma deliberação madura antes de tomar uma resolução; uma sábia escolha depois de considerada previdência, discrição e cautela; e a graça de Deus para executar resoluções prudentes, graça esta obtida por meio de frequentes aspirações de prudência.

**O Construtor Agindo:** A aspiração: "Ó Sagrado Coração de Jesus, por Maria, entrego-me a vós", é um ato de prudência cristã. É sabedoria para uma criatura entregar-se total e inteiramente a Jesus Cristo, seu Deus e Redentor. Amar e servir a Deus, seu Criador, com todo o coração, com toda a mente e alma, e a seu próximo como a si mesmo, é verdadeira sabedoria. A alma prudente escolhe como os meios mais eficientes de perpetuar esta união com Deus, amor filial e devoção a Maria. — Cada aspiração repetida fortalece nossa resolução de servir lealmente Nosso Rei por uma professada devoção a Maria, a Mãe do Rei. Tão íntimas são as vidas de Jesus e Maria, na terra e no céu, que a honra tributada à Mãe é glória prestada ao seu divino Filho. Daí, a melhor prova de nossa consagração a Deus é a devoção imperecível a Maria, Mãe de Jesus. Maria foi o modelo de prudência; é, preeminentemente, a "Virgem prudentíssima". Por toda sua vida, sua mente resolveu os mais difíceis problemas com

uma madureza de juízo e um claro conhecimento da natureza humana, que estavam muito além de seus anos. Com a idade de 15 anos, foi chamada por Deus de aceitar ou rejeitar a honra e as graves responsabilidades da maternidade do Messias. Enquanto a Santíssima Trindade, os coros anjélicos, os patriarcas e o mundo inteiro esperavam sua decisão, ela ponderou, calma e deliberadamente, as razões em favor e contra esta escolha de tanto peso. — Pôs do lado todas as considerações humanas, como honra pessoal e lucro temporal, e só, quando segura que a sua virgindade ficaria intacta, aceitou sua alma magnânima as responsabilidades da Mãe do Salvador, dizendo: "Eis aqui a escrava do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra". Repetindo frequentemente as aspirações: "Ó Sagrado Coração de Jesus, por Maria, entrego-me a vós, inspirar-nos-á o exemplo da Virgem prudentíssima a seguir-lhe os passos.

**O Ajudante em ação:** "Os filhos deste mundo são mais sábios no seu modo de agir, do que os filhos da luz; perseguem seus objetivos mundanos com maior energia, fortaleza e tenacidade; mas, de resto sua vida é guiada pela prudência da carne. Com quanta argúcia descobrem meios de adquirir riquezas, de satisfazer suas paixões, e levam vidas de pecaminosa auto-indulgência! Quão astutamente empregam triques, enganos, fraudes e mentiras para obterem meros lucros temporais, os quais a morte lhes arranca das mãos cubichosas! — Enquanto a prudência da carne calça a estrada para o inferno, a prudência cristã, sob a direção e proteção de Maria, leva a alma ao céu. "Maria Santíssima, livrai-me das penas do inferno". é uma aspiração de prudência cristã. — "Maria Santíssima"... pois a Mãe de Deus é santa, livre de todo pecado, original e atual. Ela passou anos na prática de heróicas virtudes em Belém, Nazaré e Jerusalém. Ela pode tornar-nos santos, e livrar-nos da escravidão de paixões violentas. — "Maria Santíssima, livrai-me das penas do inferno"... Ela é a mulher forte que esmagou a cabeça da serpente, e em vão são os esforços de Satanaz de "mordê-la no calcanhar". — "Maria Santíssima, livrai-me"... tão precipitado, tão irresponsável, tão impetuoso e presunçoso no meio das tentações e das ocasiões para o pecado. — "Maria Santíssima, livrai-me das penas do inferno", pois o tolo se

## Livros

**Os Noivos**, por Alessandro Manzoni; Irmãos Pongetti, editores; Rio de Janeiro, s. a. — Mais de cem anos passaram desde que Manzoni publicou, pela primeira vez, o livro que lhe conquistou para sempre um lugar não somente na literatura, mas no coração de todos os povos. Sobre um fundo histórico desenrola-se o drama que ameaça destruir um futuro radioso de dois jovens. Fraqueza e maldade humana, a fome e a peste, distúrbios políticos, tudo parece conjurar contra os noivos. Mas eles não desanimam, mesmo em situações desesperadoras. Fortalecidos pela oração, combatem corajosamente um por um dos seus adversários. E vencem. —

Com mão de artista, desenha Manzoni seus personagens. Fazendo-os movimentar-se no início do segundo quartel do 17º século, dá à obra um sabor nacional, ao passo que o sentir, falar e agir deles é de todos os tempos e lugares. É a humanidade que ri e sofre, que chora e vence. É por isso, que este livro, apesar de mais de um século de idade, permanece sempre novo. — Cec.: C.

**Os Assassinos de Kumaon**, por Jim Corbett; Companhia Editora Nacional, S. Paulo, 1948. — Não tenha medo: o livro não fala de homens malvados que tiram a vida aos seus semelhantes. Trata-se aqui de uma praga que assolava a Kumaon, uma das Províncias Unidas da Índia. No norte forma fronteira com o Tibet, a leste, com Nepal. Seus habitantes foram incapazes de defender-se contra os aguerridos jurgas que, no século 18, lhes invadiram o país. Foram os ingleses que, em 1815, tomaram conta daquela parte setentrional da Índia, aliviando a vida dos nativos. Mais uma vez, imploravam o auxílio e proteção dos britânicos, na primeira parte de nosso século. Os tigres, devoradores de carne humana, faziam muitas centenas de vítimas. Jim Corbett foi um dos caçadores contratados pelo governo colonial que, arriscando a vida própria, libertaram o país de seus inimigos cruéis. Além das suas aventuras com os assassinos, Corbett conta-nos muito sobre o país e seus habitantes. — Sec.: A.

precipita lá, onde os anjos temem pisar mas o temor de Deus é o começo da sabedoria e da prudência.

Charles A. Imbs, S. J.

## MARIANOS CÉLEBRES

### 17. Invicto na Derrota

Ao 1º dia de Abril de 1922, vésperas do Domingo da Paixão, no Monte, perto de Funchal (Ilha da Madeira), morreu Carlos Iº, o último imperador da casa dos Habsburgos. Morreu derrotado como imperador, mas vencedor como genuíno filho de Maria.

Foi no castelo imperial de Persenbeug (Áustria Inferior), nas margens do Danúbio, que Carlos nasceu, como filho do Arquiduque Otto, aos 17 de Agosto de 1887. Lá, nas proximidades de Maria-Taferl, um santuário de Nossa Senhora, acendeu a chama de seu amor à Mãe de Jesus. Enquanto aluno dos Beneditinos Escoceses, em Viena, gostava Carlos de ajudar a Missa na capela de Stº. Estanislau.

Em 1911, Carlos casou com a piedosa princesa Zita de Bourbon Parma. Tres anos mais tarde foi proclamado herdeiro do trono do império austríaco, em consequência da morte trágica de irmão Francisco Ferdinando (28-6-1914), em Serajevo. A morte do imperador Francisco José deu-lhe a coroa, aos 21 de Novembro de 1916.

Se Carlos era o homem capaz de pôr ordem ao caos em que jazia seu império, não o podemos decidir. Mas ninguém pode duvidar de sua boa vontade de restituir a paz ao seu domínio. Por causa disto entrou em entendimento com o governo francês, em 1917. Se não logrou êxito, a culpa não foi sua.

Então sobreveio a derrota das potências centrais. As circunstâncias obrigaram Carlos a abdicar ao trono. Retirou-se para a Suíça. Lá entrou para a Congregação Mariana. Já durante o seu governo, dera muitas provas de sua estima pelo sodalício de Nossa Senhora. Mas somente no exílio conseguiu enfileirar-se nas hostes marianas.

Apesar de ter abdicado ao trono austríaco, Carlos não era, de forma alguma, um caráter fraco. Tinha ainda seus direitos sobre o trono húngaro. Duas vezes, em vãos arriscados, foi para a Hungria, sendo vítima da mais negra traição por parte do administrador almirante Horthy. Foi preso. Agora, a maçonaria armou-lhe uma tentação. Uma deputação dos irmãos tripingados declarou ao prisioneiro de Tihany que poderia de imediato subir ao trono húngaro, se — se submetesse às condições da loja: liberdade para as sociedades secretas, execução das leis iníquas contra as escolas cristãs.

(continua na 2ª página)

## Marianos Célebres

(conclusão da 1ª página)

Carlos negou-se a trair a Cristo. Foi entregue aos aliados que o mandaram para o exílio em Funchal. Lá passou os últimos meses de sua vida no abandono e na pobreza. Numa mesinha, à cabeceira da cama, estava o Santíssimo Sacramento exposto, enquanto sua esposa e seus oito filhos assistiam ao seu passamento para o reino da luz eterna.

Carlos foi um exemplo brilhante da pureza de costumes, de profunda piedade varonil, de intrépido cumpridor de seus deveres. Pouco antes de morrer, pôde dizer com toda verdade: "Meu esforço constante foi conhecer sempre com clareza a vontade de Deus e cumpri-la do modo mais perfeito". E o Papa Bento XV afirmou do exilado da Madeira: que era o único príncipe pronto a secundar os esforços do Sumo Pontífice pela paz, ainda que lhe tivesse custado grandes sacrifícios.

Hoje, depois de o mundo ter atravessado os mares de sangue de uma segunda guerra mundial, apresenta-se, espontaneamente, a pergunta: Que teria sido da humanidade, se este filho de Maria tivesse tido a oportunidade de dar aos seus povos a paz pela qual trabalhava e rezava e sofria? A resposta está encerrada nas suas últimas palavras: "Jesus, Maria".

Em algumas Missas, segue ao gradual a Sequência.

A origem deste nome ainda não está suficientemente esclarecida. Supõe-se, geralmente, seja o nome dado às longas neumas com que findava o verso aleluiático do gradual. Mais tarde, estas figuras melódicas receberam um texto independente que, entretanto, teve referência ao caráter da festa.

A sequência difere do hino por uma metrificação mais livre, empregando-se, por vezes, também, a lira. Outrossim, dá-se maior liberdade à maior variação na parte musical.

S. Pio Vº, a quem devemos a forma hodierna do Missal, conservou ainda cinco sequências, das quais duas não têm já caráter festivo.

São em uso hoje, portanto, as seguintes sequências: "Victimae paschali", para a semana da Páscoa. Seu autor é Wipo, que foi capelão do imperador Conrado II. "Veni Sancte Spiritus", para a semana de Pentecostes. É da autoria de Langton, Arcebispo de Cantuária. — "Lauda Sion", para a oitava da festa do Corpo de Deus. Devemos esta jóia da poesia cristã ao Doutor Angélico, Sto. Tomás de Aquino. — "Stabat Mater", para as duas festas de Nossa Senhora das Dores. Atribue-se esta sequência ao exímio devoto de Nossa Senhora, S. Boaventura. — "Dies Irae", para as Missas de Réquiem. É obra de Fr. Tomás de Celano, OFM.

Embora estas sequências tenham achado sua expressão artística nas incomparáveis melodias do canto gregoriano, não é de admirar que centenas de composi-

## ESCOLA DE GUERRA (XXVIII)

49. "Procurem cumprir com suma diligência os deveres de seu cargo, (1) e recorram ao Padre Director todas as vezes que fôr necessário, para darem conta do desempenho dos seus officios, para o consultarem nas dúvidas e dificuldades que ocorrerem, para receberem d'ele novas instruções, e se tornarem d'este modo fiéis auxiliares, como é bem que sejam, da autoridade d'ele no govêrno da Congregação". (2).

**Comentários:** (1) A falta de interesse por seu cargo torna o membro da Directoria não só um membro inútil, mas pode vir a ser um verdadeiro obstáculo para a prosperidade da C. M. (2). Este contacto constante com o P. Director é indispensável. Só êle permitirá uma cooperação harmoniosa. Aliás, todo official, cõscio de sua responsabilidade, há de sentir esta necessidade. Êsses recursos e consultas, porém, nunca devem estrangular a iniciativa própria do official que talvez receie assumir responsabilidades.

## DO MEU DIÁRIO

1º de Setembro. — Uma Congregação de estudantes deve ter sua biblioteca. Mas como arranjar os livros, se as contribuições mensais de ambas as Secções mal chegam para pagar uns três ou quatro volumes? A Directoria da Secção dos Maiores teve uma idéa: Que diz de uma ação entre amigos? Não houve longas confabulações. Foram comprar uma bicicleta. Qualquer pode ganhá-la. Muitos já estão economizando dinheiro para emplacá-la.

15 de Setembro. — O Max, às vezes, chega tarde. Mas, hoje, nem compareceu à reunião na qual deveria receber a fita de congregado. A culpa, porém, não foi sua. Parece que houve uma revolta nos Países Baixos.

17 de Setembro. — Nunca se pode satisfazer a todos. Agora é o Toco que reclama contra o Toquinho. "Pois bem", diz-lhe alguém. "foi você quem chamou ao Carlos de Carlinhos". — "Isto é verdade", responde. "Mas Carlinhos sempre é nome. Toquinho, porém, ..." e calou-se.

23 de Setembro. — "Nomina sunt omnia" e Hickel rima com niquel. Será por isto que o Rodi ficou tesoureiro dos Maiores? (NB. Aceita também papel).

## DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

**C. M. do Rosário — Secção dos Menores.** — No dia 15 de Setembro p. p., receberam a fita de congregado os seguintes srs.: Carlos A. R. Coelho, Carlos R. Meyer, Francisco O. da C. Melim e Jonas J. da R. Luz. — Max Blaschke fez sua consagração no dia 22. Nossos parabens!

tores, no correr dos séculos, tenham procurado revestir com sempre novas melodias as riquezas da doutrina cristã, as belezas da poesia sacral, albergadas em escrínios tão preciosos.

## É BOM SABER...

— As minas de ouro e prata de Yukon (Alaska) continuam atraindo buscadores de ouro. De uma população de 11.000 habitantes, 3.000 são católicos. Contam com vinte sacerdotes Oblatos, 4 Irmãos e 10 religiosas. Seu trabalho é extraordinariamente difícil. Um dos missionários se fez mineiro para poder entrar em contacto com os demais. Há sete escolas e está-se construindo um internato para esquimós.

— Apesar da grande falta de sacerdotes, o Brasil enviou missionários para várias partes do mundo. A Província sul-brasileira da Companhia de Jesus destacou 4 de seus membros para as missões no Japão. A Sociedade do Verbo Divino pôde contribuir com 10 missionários.

— Em breve erigir-se-á, no México, uma estátua a Fr. Pedro de Gante, O. F. M., primo do imperador Carlos Vº. Passou sua juventude na corte imperial e cursou seus estudos na Universidade de Lovayana. Entusiasmado por um padre franciscano, ingressou na ordem de S. Francisco. Em princípios do 16º século, partiu para o México, com dois outros franciscanos. No fim de seis anos de estadia aí, tinha já construído uma centena de igrejas e capélas. Sua influência foi tão grande que S. Excia. o Arcebispo do México, D. Fr. Alonso de Montúfar, O. F. M., declarou: "Não sou eu o Arcebispo do México, senão Fr. Pedro de Gante, o irmão leigo dos Frades Menores". Três vezes recusou ser ordenado sacerdote.

— O Vicariado de Uganda (África) acaba de adquirir no Canadá uma moderna linotipa para melhorar sua já famosa imprensa. Durante a guerra, esteve editando o periódico "Munno", que se destinava aos 30.000 combatentes ugandenses. A Inglaterra reconheceu o magnífico serviço prestado à moral destas tropas, pagando a publicação, concedendo-lhe prioridade de guerra para obtenção do papel e outras vantagens. Cinco Vicariados mandam executar naquela tipografia modelar tudo de quanto precisam.

(Nuestra Vida — México, D. F.)

## DOIS PERIÓDICOS

Surgiram, nos últimos meses, em nossa cidade, dois novos periódicos que merecem a atenção de todos que querem ver progredir o nosso estado e o Brasil.

O primeiro traz no frontispício o nome "Decoop" e é editado pela Directoria de Economia e Assistência ao Cooperativismo, sendo seu Diretor o sr. Alcides Abreu. Quer informar sobre o movimento cooperativista e, desta maneira, promover o senso da solidariedade, favorecendo assim a verdadeira democracia.

O segundo periódico intitula-se "Rumos" e é órgão do Clube de Cooperação Cultural. É dirigido pelo sr. José Medeiros Vieira. Suas colunas querem favorecer a expansão da verdadeira cultura cristã em todos os seus domínios.

Com grande satisfação constatamos que os resp. Directores dos dois periódicos são antigos membros de nossas CC. MM., tendo o sr. Alcides Abreu sido o primeiro

## PORTUGUÊS OU LATIM?

Afirmou Camões que o português era, com ligeira corrupção, o próprio latim. "E na lingua, na qual, quando imagina, com pouca corrupção cre que he a Latina".

pecco gemendo considera meos voco, te suplico. Oro te, Maria purissima, Abigail prudentissima, Sacisam se quiserem alcançar felici-

D. Macedo Costa prova esta asserção, praticamente, com a seguinte oração à Nossa Senhora. Conservamos a assim chamada ortografia antiga, pois com leves modificações, a prece pode pertencer tanto ao vernáculo de Vergílio como ao de Camões.

"Ó Maria, Aurora luminosa, Terra tam productiva quam pura, Rosa odorifera, Gemma preciosa, vera Eva, sancta, sublimissima creatura, splendida idea divina: Tu que mitigas celestes iras que, diabólicas fraudes manifestas; tu, que glorificas Sion, que exaltas Jacob, que elevas jubilosamente Israel; Eia, protege, vivifica quem amas, vivo peccando; pecco gemendo, considra meos tremores. O Maria, offendo tremendo, persevero, resisto! Te invoco, te suplico. Orote, Maria purissima! Recusas tuas misericórdias, tu, que, revolvendo iras, procelloso pellago, és ancora fida, aura suavissima? O de maligno morbo medicina salutifera! O tutella fortissima contra atroces pugnans! Respiro esperando tuas misericórdias. Misericordiosa patrona, humanangélica glória! Susana castissima, Rachel formosissima, Abigail prudentissima, Sabá devotissima. Creatura amabilissima, potentissima! De tanta presente miséria, maxime da morte eterna, salva-me, o benigna, o pia! dulcissima Maria! Amen!"

## AMOR E SÓ AMOR

Um homem ou uma mulher precisam — se quiserem alcançar felicidade duradoura na vida presente de um grande número de elementos para satisfazer inclinações naturais e desejos dados por Deus. O amor não pode por muito tempo sobrepujar a fome. Esta fome pode ser fome de Deus, de paz, de compreensão, de sucesso na vida, de auto-desenvolvimento, de virtude, de graça.

Oferecer romantismo e fascinação física como substitutos por todas estas fomes é tornar o homem e a mulher muito simples, simplificados em demasia.

Digamos, p. ex., que o homem casado perde sua cabeça por causa de sua encantadora, se não demasiadamente serviçal secretária. É, afirma êle, o romance de uma vida. Portanto, êle concede uma pensão à sua esposa legítima que, com muita propriedade, protesta; dá aos filhos um último abraço de pai — talvez um tanto sentido — e, com seu amor novo, corre para uma nova lua de mel.

Os românticos lamentarão talvez que o amor tornou inevitável êste modo de agir. Gente que um pouco ainda se importa com a decência, considera o caso sob outro

(continua na 3ª página)

redator de "O Mariano". Rogamos a Deus abençoe o labor dos dois pioneiros e dos seus dedicados auxiliares.

(continuação da 2ª página)

## AMOR E SÓ AMOR

por Daniel A. Lord, S.  
(Tradução)

prisma. Cismam por quanto tempo ele será teuz em seu novo amor. Perguntam-se até que ponto os seus socios de negocio liar-se-ao neste homem que, em suas cousas proprias, se mostrou tão indigno de confiança. Apesar de todo o seu modo frívolo com que trata a morange, o mundo nao esqueceu a importância de tais cousas como sejam: obrigações, a palavra dada, responsabilidades, a significação dos contratos. Ele encontrará um bom numero de olhares frios. Munto bem pode ser que sua carreira sotra sério prejuizo.

Os jornais trazem a história — o titulo em letras garratias — da mulher que se apaixona pelo marido de sua melhor amiga. Aquele, com calor corresponde ao amor desta. Lutam brevemente, sem muita decisão; nenhum juiz chamaria isto uma luta real. Afinal, comunicam a novidade à outra mulher, e todo o mundo mostra-se "altamente civilizado".

Ainda não alcançamos o ponto onde a maior parte da gente não pode reconhecer que quejanda "altamente civilizada" conduta seria repudiada pelos selvagens. Estamos bem certos da infelicidade que se constrói sobre esta fascinação romântica, esta atração física.

Estamos sincera, estamos seriamente duvidosos sobre se este "grande romance" compensará a perda da honra, o estigma do adultério, o colapso da vontade, a falha de cumprir com simples obrigações, a traição de promessas juradas.

**Amor que custa demais.** Nós que temos fé, espantamo-nos, às vezes, em face da temeridade de um homem ou de uma mulher que ousa exigir que por causa dele ou dela, Deus seja repudiado.

Aquí estamos nós, nós os mortais, movendo-nos para o nosso destino que é Deus, sabendo que gozamos paz profunda somente quando possuímos a Deus, certos que, tudo contado e pesado, seremos indizivelmente miseráveis sem Deus.

Então, na vida de um católico entra a fascinação que se concentra, digamos, numa pessoa divorciada. Geralmente, fascinações desta espécie não são negócios-relâmpago. Elas vêm com uma boa porção de premonições; muitas vezes, crescem devagar. O católico luta um pouco... cede um pouco... e, então, descobre que ele ou ela está profundamente imerso em fascinação romântica.

De repente, a escolha torna-se clara de assustar: ou Deus ou este novo romance. Não pode haver fidelidade a ambos. Se o católico renuncia à pessoa a que ele (ou ela) não tem direito, retém a Deus e tudo quanto só Deus pode dar. Se fica com a pessoa, renuncia a Deus e às incríveis riquezas da graça de Deus e das promessas de Deus.

Fico espantado porque devesse haver, entre seres humanos, alguma coisa que tão perto se aproxime da idolatria. Que direito tem qualquer ser humano de gritar: "Eu te compensarei a tua perda de Deus"? Como ousa um ser li-

mitado, finito empenhar-se em fazer a um católico esquecer o Pai, o Filho e o Espírito Santo? Ou, se o nao-catonco provavelmente nao e capaz de compreender, se, na sua arrogância, se julga capaz de preencher o vacuo deixado por um Deus expulso e repudiado, então, com certeza, um católico deveria saber o que está acontecendo aqui.

A fascinação de um limitado, fraco mortal, para compensar o amor sem limites de Deus? Que pode a criação de um ser humano dar para compensar a perda da graça do Todo-poderoso? Bastam uns poucos anos de vida com este homem ou com esta mulher, para contrabalançar uma eternidade sem Deus?

Todo este negócio é muito antes que trágico, total e incrivelmente estúpido e anti-humano.

**"Renuncia por amor de mim..."** Ou aí está o católico que se apaixona por alguém que está fora da Igreja Católica. Afirma que seu romantismo é invencível. Entretanto, este personagem incrivelmente atraente e fascinante não é assaz grande ou generoso para fazer umas poucas concessões. "Não casarei na Igreja", diz o acatólico, "e não farei as promessas".

Outra vez, a alternativa está clara — Sua Igreja com todos os seus poderes divinos para garantir uma felicidade eterna... ou os braços de um egoístico ser humano.

Contudo, na ardente fascinação do momento, o católico abandonará tudo... Cristo na Eucaristia, o amor maternal de Maria, a presença do Espírito Santo na alma, a herança do céu... e esperará que o mundo considere tudo isto bem perdido em troca da fascinação de um momento... de um dia... de um ano... de uma vida mesmo.

**O amor justifica tudo?** O romântico moderno defende em teoria e prática que, se você fizer alguma coisa impellido pelo amor, o que fizer está certo. O amor justifica o que quer que se faça — pisar aos pés o dever, a deserção de mulher e filhos ou marido e filhos, o abandono do lar, e até a renúncia a Deus. É como se uma pessoa obcecada pelo romantismo, não fosse realmente responsável pelo que fez.

É uma felicidade para todos nós que esta teoria não conserve muita força, quando consideramos quais negócios da vida julgam os homens negócios de fato sérios.

Imaginemos que a cena seja a primeira linha da frente de batalha. A suposição que estou fazendo, tem a mira de caricaturar todo o enredo. Mas imaginemos que, nas sombras da noite, o coronel tenha levado seu regimento até o ponto do ataque. As primeiras luzes da aurora, ele e seus homens formarão a ponta de lança do ataque que, talvez, decida toda a batalha. Seus oficiais subalternos sincronizam seus relógios conforme as indicações do coronel. Este volta para a retaguarda, esperando a hora do ataque.

Mas, de repente, o radiotelegra-

fista aparece, com olhar intrigado. Entrega ao coronel uma mensagem. O coronel desdobra a folha e lê o que contém.

"Querido," reza a mensagem, "eu não poderia viver se você fosse morto na batalha.

"Sua morte está quase certa se você atacar o inimigo nesta manhã. Acho-me justamente cinco milhas atrás das linhas, salva e esperando. Se você vier d'uma vez, casar-me-ei com você. Se ficar lá, estou certa que vai morrer. Isto não pode ser. Não pode amar mais seu país do que a mim. Venha. Estou esperando. O amor é tudo quanto importa".

O radiotelegrafista olha o coronel como se fosse uma figura de uma folha humorística. O coronel representa sua parte.

"Mande trazer o meu jeep", ordena o coronel. Coloca uma mão no ombro de seu perplexo subordinado. "Vou ter com a mulher que amo. Passe o comando ao meu imediato. O amor justifica tudo".

Quando o coronel é posto diante do conselho de guerra, o que tem de dizer sobre romantismo e atração física, cai em ouvidos surdos. Quando repete aquela linha: "O amor justifica tudo", eles bufam rudemente. Acontece que eles sabem que uma porção de outras cousas são mais importantes do que o romantismo e que seu dever para com o regimento e seu país foi uma daquelas outras

**Mas ninguém se impressiona.** Tomemos outro caso, ridículo, como deve parecer, quando lido.

O tribunal regurgitava de gente, porque o caso prometeu ser sensacional. Fraude no pagamento de impostos era uma acusação bastante familiar; mas os jornais apanharam nos ares uns rumores a respeito da defesa que condenavam no cabeçalho: "Pagador de Imposto Não Paga por Questões de Amor".

Confiantemente, o acusado dirigiu-se para o banco dos réus. Por cima das cabeças da assembleia sorriu com placidez para a mulher que amava, sua bela mulher, belamente vestida, uma rica casaca de arminho que lhe dava quase até os tornozelos e cujas lapelas afagava com dedos carregados de um peso massivo de joias. Seu sorriso estava cheio de amor confiante. O romantismo entre os dois era tão encantador que se derramou sobre os espectadores e uma outra chorona sentimental apresentou aquele olhar que sugeriu estar ela esfregando os olhos com uma folha de papel carbono.

O advogado dele inclinou-se para a frente. "Diga ao tribunal", disse uma voz sonora "o mesmo que disse a mim".

O homem no banco, os olhos inocentemente fitos no juiz, contou sua história com simplicidade convincente.

"Eu a amava", disse, "mais do que minha vida. Quando a encontrei, estava sendo cortejada pelo homem mais rico da cidade. Que esperanças tinha eu, se este lhe

dava tudo quanto ela precisava para reaciar a beleza, para aumentar a atração? Minha renda chegava mal à metade da dele. Se desse apenas uma parte de minha renda ao governo, cometeria um roubo com respeito a ela, impossibilitando nosso amor. Assim dava-lhe o que exigia sua beleza, peles, jóias, os autos que queria. Não podia cortejá-la à altura e, ao mesmo tempo, pagar meus impostos. Que direito tem, afinal, o governo de esperar que fosse perder meu amor por causa de simples impostos?

"Em todo caso, tive razão. Dei-lhe uma casa, digna de sua beleza. Vesti-a como convém ao seu amor e ao meu. Cor certeza, tinha o direito de dar-lhe o que quer que fosse, desde que fosse, desde que garantisse o nosso amor. Sinto não ter podido pagar meus impostos também. Mas seguí os ditames de meu coração... e o amor tudo conquista".

Os espectadores talvez aplaudissem. Talvez rissem. Em todo caso, você pode estar certo que o juiz lhe deu vinte longos anos na prisão de Atlanta. Porque, segundo todas as aparências, o amor não dá o direito de burlar o fisco. E você agirá bem com acerto, se nao amar a um homem ou uma mulher mais do que seu país.

**Ladrão por amor.** Os casos ridículos tao facilmente poderiam ser multiplicados.

Apanharam-no quando saia de seu compartimento de calceio. "Você tem 10.000 dólares de menos", diziam. Mas ele sorriu.

"Claro que tenho", respondeu, calmamente. "Fiz-lo pela mulher que amo, e o amor justifica tudo".

Perante a corte de polícia e os boca-moles da reportagem, declamou seu magnífico manifesto de amor, sua justificação do que os desafiava chamassem de ladroeira.

"Ela estava casada com um brutalhão", explicou. "Abusou-a horrivelmente. E ela era tão frágil, tão encantadora, tão boa — e bela. E um irresistível amor forçou-nos para os braços dum doutro".

"Melhor do que uma ópera de sabonete", disse um reporter policial, enxugando umas lágrimas salgadas.

"Ela não tinha dinheiro. Não pôde recorrer ao tribunal para obter um divórcio", continuou o galante romântico. "Por isto, tirei do banco o que ela precisava".

O sargento de serviço suprimiu a custo um suspiro simpático.

"O sr. quer dizer... o sr. o calceio... roubou...?"

Os bravos olhos de prisioneiro cintilavam indignados. "Não use esta palavra feia. Tomei o dinheiro para ganhar a liberdade dela e tornar possível nosso amor. E o amor justifica tudo".

Dois bálios e dois repórteres policiais carregaram-no aos ombros pelo tribunal... O juiz condenou-o a vinte anos de prisão; mas, juizes são tão des-românticos.

(continua na 4ª página)

# Mr. Topcliffe Entretém Um Hóspede

(Tradução)

Por Theodore Maynard

Mr. Topcliffe não apareceu no caso desde o começo; era seu costume ficar fóra da vista até às últimas fases de tais cousas. Mas foi sua mente subtil e cultivada que dirigia os esforços dos caçadores que mandou para a grande casa em Wiltshire que, sabia, era um ninho de recusantes (i. é, católicos que se opunham a assistir aos serviços religiosos da cismática igreja inglesa. N. d. T.).

Tendo sido ele mesmo católico, na Yorkshire católica, até o tempo da morte da rainha Mary, escolheu como seu agente a um homem que, como ele mesmo, antigamente praticara a Religião Velha. Sômente tais homens podiam ser realmente eficientes no officio de pôr armadilhas aos sacerdotes. Foi com as instruções de Richard Topcliffe que o jovem Jeremy Bradford viajou para Crowford.

Não estava previsto que apanhasse sua presa de uma só vez. Primeiro, tinha que convencer a Sir Austin e Lady Crandall de sua lealdade de católico. Seu aparecimento em Crowford não suscitaria suspeita, porque poderia parar na casa de sua tia, a senhora Blore; como esta cuidava do melhor modo possível de praticar a Religião Velha, ajudá-lo-ia junto aos Crandalls. Uma vez na confiança deles, tudo quanto teria que fazer seria esperar a chegada de um sacerdote. Se sua sorte fosse desfavorável, poderia até apanhar um jesuita em vez de um simples padre do seminário.

Quando via sua tia, a primeira cousa que o impressionava, era a

grande semelhança com sua mãe. O parentesco manifestava-se na face aberta e enrugada, embora sua mãe fosse ainda bonita e moça quando morreu. Mas esses olhos foram os mesmos — simples e bondosos e inocentes — e havia uma nota na voz que conhecia desde sua meninice. Por um momento, sentiu como se devesse voltar a Londres; esta tarefa era podre demais para ele. Que o Mr. Topcliffe mande a outrem para este trambolho de negócio.

Mas venceu seu desgosto. Sabia que era melhor assim. Já duas vezes vira luzir um brilho perigoso nos olhos do sr. Comissário e ouvira a quieta voz dele ficar mais quieta ainda. Uma vez fora um outro homem que se acovardara diante daquela ira glacial; e uma vez, ele mesmo sentiu tremerem-lhe os joelhos, depois de ter sugerido que gostaria de ter qualquer outra ocupação que caçar sacerdotes.

"Ah, é assim, Jeremy! O nosso emprego não lhe agrada muito," Mr. Topcliffe dissera na ocasião. "Outros disseram-me a mesma cousa, antes de você". Estava ainda sorrindo, gentilmente, e Jeremy Bradford, sendo ainda capanga novo, estava pensando que iria ser livrado da incumbência macabra. Então, embora a voz se tornasse mesmo mais gentil, o sorriso transformou-se num escárneo. "De uma feita ouvi a um dos agentes de Sir Francis Walsingham dizer cousa semelhante. Você não é jovem demais para ter ouvido falar do Dr. Parry e do que lhe aconteceu". Fez uma pausa para deixar penetrar as palavras na mente de Jeremy, antes de acrescentar, "Não, Jeremy, este é um serviço que ninguém já abandona". E, de repente, seus olhos tornaram-se duros como aço.

Porém, mesmo com a memória daquele terror ainda bem viva no interior de sua mente, Bradford mais uma vez revoltou-se contra sua tarefa. Não fosse que sua tia — e, de algum modo, sua mãe morta há anos — estivessem envolvidas inconscientemente, não se teria importado, ou teria sido tão indiferente quanto um homem o pode ser, quando sente que todo o seu trabalho lembra o de Judas. Quando sua tia tirou o terço de trás de um tijolo solto onde estava escondido, e o rezava, antes de acender a vela para se deitar, o remorso sacudiu-o de novo. Mais do que nunca, ela se parecia com a mãe morta, naquele momento.

Que rezasse o terço em presença dele, era um sinal, como Jeremy bem compreendeu, que confiava nele, ainda que não tivesse dito uma só palavra sobre a religião. Nem tocou êle, por sua vez, neste assunto, nem nesse nem no seguinte dia. Ainda não se sentia seguro. Apenas na tarde do terceiro dia falou:

"Tia, eu também tenho um terço escondido, no meu quarto, em Londres. Mas temia trazê-lo comigo; podiam dar uma busca na

minha roupa e descobri-lo".

"Então, você pertence sempre a Religião Velha, Jeremy?"

"Pertengo, tia".

"Louvado seja Deus! Mas, o filho de minha irmã não podia senão permanecer fiel ao seu Senhor. Como não tenho um segundo terço, Jeremy, talvez você possa dizer suas Ave-Marias, contando-as nos dedos".

Podia. Ainda não tinha esquecido suas orações. Fazia parte de sua profissão a lembrança das rezas. Até aprendera-as em latim, afim de dar à sua fé um aspecto mais sôido, como, pela mesma razão, aprendera ajudar a Missa. Já uma vez fizera uso de seus conhecimentos, no exercício de sua profissão. Foi seu propósito de achar uma ocasião para usá-los aqui.

Não fez perguntas, em parte, porque estava envergonhado, em parte, porém, também estava certo de que sua tia ia falar. Poucos dias depois, ela lhe disse: "É bem poucas vezes que temos Missa ou que podemos confessar-nos — mesmo aqui, onde Sir Austin e sua esposa acolhem todos os sacerdotes que passam por esta região. Não ousam vir nas grandes festas, pois é então que os olhos dos caça-sacerdotes são mais agudos. Não tivemos Missa no Natal, nem na festa dos Reis. Sômente na segunda metade do inverno, no dia de Sta. Escolástica, um padre aventurou-se até cá, e desde então não vimos mais nenhum, nem mesmo na Páscoa — naquele dia menos do que em qualquer outro. E agora já passou boa parte do verão. Mas a senhora Crandall espera um, antes que passe o mês de Julho".

Foi o que Bradford queria saber. Não desejando parecer curioso demais, perguntou sômente: "Quantos da Religião Velha há aqui, em Crowford"?

A tia disse-lhe: "Há muitos que guardam a Religião Velha no seu coração — apesar da tentativa malograda de Felipe de conquistar nossa Inglaterra. Mas esses são geralmente gente já idosa, embora não poucos dos moços gostem mais de nossa Fé do que da Religião da Rainha. Seu gosto, infelizmente, é raras vezes bastante forte para encorajá-los a mostrarem virilmente sua convicção. Todavia, sempre que vier um sacerdote, achará aqui um, acolá outro a quem possa reconciliar com a Igreja Católica. Ano por ano, perdemos um pouco, mas não tudo. Sempre haverá os que permanecerão firmes, secretamente".

"Secretamente, tia?"

"Como eu. Nunca tomo o sacramento dos inovadores, mas tenho que ir à igreja paroquial, para que não me aconteça cousa peor". Seu rosto enrugou-se com inocente velhacaria. "Mas o reumatismo nos meus ossos bate — não sei por que — geralmente aos domingos. Então digo ao cura que não pude sair".

"É o cura acredita-lhe?"

"Isto é que não sei. Mas ele é um homem meigo e não gostaria

de ofender a Sir Austin, com parecer tratar duramente demais mulheres velhas cujos ossos lhes doem com reumatismo. Deus me perdoe que, às vezes pelo menos, eu vá. Tenho que curvar a cabeça um pouco diante da tempestade".

Por sua vez disse ela: "Sem dúvida, em Londres, a fé deve estar bem fraca. Mesmo no tempo da rainha Mary, quando eu era moça, ouvi que os sectários abundavam aí".

"Agora abundam muito mais ainda", retrucou ele. "Entretanto, há sempre sacerdotes em Londres. Numa grande cidade é mais fácil passar despercebido do que em Wiltshire. Não assisti à Missa todos os domingos, mas vou mais vezes à Missa do que a senhora pode, em Crowford. Um dos padres ensinou-me o latim da Missa para que pudesse ajudá-la".

Disse isto em tom casual; sabia acharia o caminho ao coração da tia.

Certo dia, Lady Crandall apareceu a cavalo diante da pequena casa — uma larga, muito corada e competente matrona. Como o grande cavalo no qual vinha sentada, seus olhos eram cor de cinza, sem medo e direitos, ao mesmo tempo, sem malícia e, contudo, astutos. Sem desmontar, ela bateu na cerca de estacas, com seu rebenque.

Quando seu chamado recebeu resposta, disse: "Ah! Senhora Blore. Esta manhã chegou o esperado. Queira avisar a Bess Gildersleeve e o sr. Allen e esposa? Irei adiante para dar notícia a Bardsley e Nell Storer e aos outros". Fez uma pausa, e quando falou de novo, foi mais baixo: "Ouvi que um moço para em sua casa".

"Sim, Excelência. Ele é o filho de minha irmã".

"É um dos nossos? Então pode levá-lo consigo. Tudo estará pronto para as confissões, ao cair da noite, e, amanhã de madrugada, haverá Missa".

Foi embora, como se não tivesse tempo que perder. Poucos momentos depois, voltava.

"Senhora Blore, foi uma falta de cortesia não ter eu pedido para falar com o filho de sua irmã".

A senhora Blore compreendeu que Lady Crandall também se censurava pela falta de cautela. Chamou a Jeremy, e este veio.

"Um jovem e de Londres e da Religião Velha!" disse Lady Crandall. "Um exemplo realmente!" E fitou bem os olhos de Bradford.

Sem pestanejar, devolveu-lhe o olhar, dizendo: "Exemplo algum, Excelência".

Lady Crandall mediu-o calmamente com o olhar, antes de fazer a pergunta. "Sabe você ajudar a Missa?" Sem esperar pela resposta, ela experimentou-o, dizendo: "Introibo ad altare Dei".

E imediatamente seguiu a resposta dele: "Ad Deum qui laetificat juventutem meam". Satisfeita

## Amor E Só Amor

(conclusão da 3ª página)

(Entre parêntese: John Galsworthy escreveu, uma vez, uma peça teatral não muito dissemelhante a este bocado de ficção e ele próprio, pareceu surpreso, quando seu herói recebeu uma sentença pesada do juiz.)

**Amor não é obstáculo.** A história ainda tem que passar seu veredicto final sobre o miserando ex-rei da Inglaterra que renunciou a seu trono por causa "da mulher que amo". Mas é interessante notar que seus apologistas mais benévolos sempre se dão pressa de explicar que o amor não foi a razão verdadeira da abdicação de Edward. Ele foi, insistem eles, a vítima dos homens que eram os proprietários das minas e das fábricas. O rei fora simpático demais para com aqueles operários. Não foi simplesmente um romântico descuidado que fugiu de suas responsabilidades em troca de uma divorciada; foi um democrata cansado de brincar de rei, uma vítima da politicagem partidária. Qualquer uma de uma dúzia de explicações é oferecida para fazer-nos esquecer que aqui estava um rei que abandonou seu país, um homem que renegou seu juramento de servir porque se fascinou por uma mulher.

(continua)